

A quase 1.500 metros de profundidade, envolvidos por fumaças e pelo fatal gás carbônico, dois homens lutaram pela sobrevivência durante sete dias

# Fogo na Mina de Prata

TREVOR ARMBRISTER

**N**INGUÉM sabe como o fogo começou, numa seção abandonada da mina de prata Sunshine, perto de Kellogg, Idaho. Mas pouco antes do meio-dia de terça-feira, 2 de maio de 1972, ele irrompeu furiosamente, devorando fragmentos de madeira e as escoras de viga. As saídas de emergência em breve estavam mergulhadas em fumaça e monóxido de carbono. Dada ordem para evacuar a mina, oitenta homens foram trazidos sãos e salvos para a superfície. Mas então a fumaça letal atingiu os empregados dos guinchos ou elevadores. Noventa e três homens ficaram presos nos cento e cinquenta quilômetros de galerias subterrâneas da mina de prata Sunshine.

A quase mil e quinhentos metros de profundidade, soou o grito aterrador e angustiante: «Fogo! Fogo nas plataformas superiores!»

Ron Flory, de 28 anos, e o seu companheiro Tom Wilkenson, de 29, saltaram para uma vagoneta movida a bateria elétrica, e seguiram ao longo da galeria principal, um túnel de 1.500 metros de comprimento, onde estavam trabalhando, para dar o alarme a dois outros companheiros.

Depois, voltaram todos para um pequeno hangar, chamado «a estação», no poço de ventilação n.º 10. Lançando mão dos respiradores de emergência, os quatro homens apertaram o nariz com grampos de borracha, meteram os tubos na boca, e ativaram os produtos químicos para neutralizar o monóxido de carbono. Em breve, outros cinco mineiros se reuniram a eles. Mas a abertura que poderia conduzi-los à superfície e trazê-los à liberdade nunca foi encontrada pelos infelizes prisioneiros.

A fumaça invadia cada vez mais a estação. Eles recuaram cem metros, em direção à estação de recolha dos vagões. De cinco em cinco minutos, dois homens iam até a estação procurar a abertura, e tentar comunicação através do telefone que aí se encontrava. Mas não tiveram sorte.

Dentro em pouco, também a estação de recolha estava envolta por fumaça. A máscara contra gases de Wilkenson caiu. Voltando-se para o maquinista Dick Allison, ele disse: «Já não agüento mais», e, em seguida, tombou inconsciente.

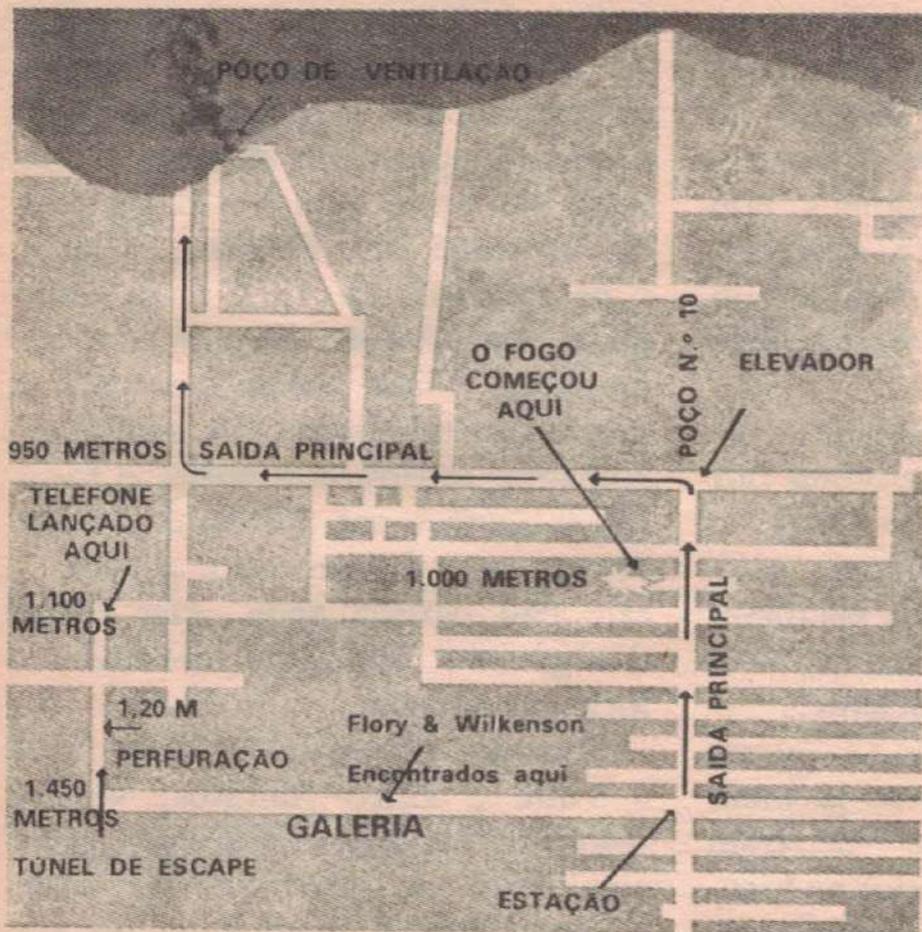
Flory correu à estação, e puxou o sinal de alarme. Então, já meio zonzos, ele e Allison deitaram Wilkenson na parte superior da locomotiva, e continuaram a seguir em direção a oeste. Uma vez longe da zona de fumaça, encostaram o amigo à parede do túnel, e chamaram os outros para junto deles.

«Vamos tentar mais uma vez a estação», disse alguém. «Podemos telefonar para dizer onde estamos.» Os outros mineiros saltaram para a locomotiva, e seguiram rumo à estação. Mas Flory, fraco e com enjôos, decidiu voltar para junto de seu companheiro. Estava certo de que o socorro viria em breve. Com um pedaço de giz, escreveu na parede da galeria: «Ron Flory esteve aqui. De 2 de maio a...?»

EM COEUR D'ALENE, a setenta quilômetros dali, Marvin C. Chase, vice-presidente e diretor-geral da Companhia Mineira Sunshine,

fazia um discurso na reunião anual de acionistas. Tinha boas notícias a dar: em 1971, a Sunshine havia produzido perto de duzentas toneladas de prata (um sexto da produção anual dos Estados Unidos), e os números de 1972 eram ainda mais auspiciosos. Depois do seu discurso, Chase telefonou para a mina. Um telefonista do quadro de comando informou-o sobre o fogo. Os incêndios nas minas de rochas duras nem sempre são graves, e este não parecia sê-lo. Mas Chase dirigiu-se imediatamente para o local do sinistro.

Quando chegou, à uma hora e vinte e cinco minutos, viu os rolos de fumaça saindo pelo principal poço de ventilação da mina, e compreendeu imediatamente que o incêndio era grave. Havia já muito que a Sunshine se orgulhava do seu moderno sistema de ventilação: enormes ventiladores impeliam centenas de metros cúbicos de ar por segundo para as profundidades da mina. Agora, esses ventiladores estavam fazendo circular fumaça e as mortíferas emanações, inodoras e incolores, do monóxido de carbono. Se se soubesse onde tinha começado o incêndio, os ventiladores e os anteparos dos poços podiam ser utilizados para delimitar o fogo. «Os homens que podiam responder a isso, os nossos capacitados dos mineiros e os chefes de turno estão bloqueados», disse Chase desanimado. «Se desligarmos um ventilador qualquer, podemos piorar ainda mais a situação.»



MYRNA FLORY estava precisamente se sentando para almoçar, quando sua irmã chegou com as notícias. Myrna dirigiu-se logo para a mina. Já estavam lá outras mulheres de mineiros, algumas aflitas e chorando. Ela reconheceu o mineiro Dennis Clapp. «Ron podia ter saído», disse ele. «Mas voltou para ajudar Tom Wilkenson.» Repentinamente, Myrna Flory sentiu-se mal. Frances Wilkenson tinha ouvido a notícia pelo rádio. «Até que ponto as rochas podem arder?», pensava ela, não muito preocupada, enquanto se dirigia para a mina. Ficou surpreendida ao ver tanta polícia e grupos de salvamento. «Daqui a algumas horas», disse para consigo, «eles

vão de sair, tomar seu banho e ir para casa perfeitamente bem.»

«Alô, alô!» Através das nuvens de fumaça, Ron Flory conseguiu distinguir a luz de um farol a cerca de cem metros. Só podia ser a locomotiva que os outros mineiros tinham levado havia uma hora e meia. Gritou, mas ninguém respondeu. Caminhou com cautela na direção da luz, e recuou perante o que viu. No lugar do con-

ductor, completamente prostrado, estava Allison. Três homens estavam estatelados perto dele. Segundo parecia, não tinham usado as máscaras quando vieram da estação, e as emanções de monóxido de carbono tinham-nos atingido. Flory sentiu-se arrepiado. Voltou correndo, e foi chamar seu companheiro.

Com as máscaras bem ajustadas, Flory e Wilkenson puxaram Allison para fora da zona intoxicada. Tomaram-lhe o pulso. Depois Wilkenson encostou o ouvido ao peito do motorista. «Não podemos fazer mais nada, Ron», disse ele.

Então, os dois sobreviventes avaliaram bem a situação. Não tinham alimentos nem meios de

comunicação; não sabiam para que lado grassava o incêndio. Quando acabassem as pilhas das lâmpadas dos capacetes e do farol da locomotiva, ficariam em completa escuridão. Entretanto, na plataforma deles, a linha de flutuação conservava-se intata, e saía ar puro do poço de sondagem de um metro e vinte de diâmetro, que tinha sido recentemente aberto desde a plataforma dos mil e cem metros. Enquanto a fumaça não entrasse pelo poço de sondagem...

Na terça-feira à tardinha, eles seguiram de locomotiva, ao longo da galeria, até mais adiante, em direção a oeste. Flory reparou num saco de lona verde, junto à abertura do poço, contendo um telefone de campanha. Abriu o fecho-éclair, tirou o aparelho e, nervoso, girou a manivela. «Alô, alô!». Mas não houve resposta.\*

Passaram uma noite desconfortável. A possibilidade de morrer no subsolo e, ainda mais, de morrer lentamente de fome, era a sua grande preocupação. Flory pensou no filho de dois anos. «*Quem irá ensiná-lo a pescar e caçar, se não for eu?*»

Wilkenson não conseguia se acalmar. «Vamos conversar, Ron», disse. «Acha que conseguirão nos

\* Marvin Chase tinha certeza de que os homens bloqueados na plataforma dos 1.450 metros estavam vivos; por isso mandara descer um telefone da plataforma dos 1.100 metros. Ainda ninguém sabia que, no poço de sondagem, uma rocha mais afiada tinha cortado uma das linhas do telefone, impedindo o seu funcionamento.

tirar daqui? O que estarão fazendo lá em cima? Jogando baralho?»

Talvez fosse melhor voltar a pé para a estação. Talvez fosse melhor subir a escada de emergência que seguia ao longo do poço de ventilação n.º 10, até a plataforma dos 1.400 metros; depois, até a dos 1.300 metros.

«Não podemos usar a escada agora», insistiu Flory. «Pode haver fumaça lá em cima. Pelo menos em baixo temos ar puro. Mas temos de avisar que estamos vivos!», exclamou Wilkenson. «Podemos dizer-lhes para descer pelo poço de sondagem para nos buscar.»

Minutos depois, Flory começou a caminhar em direção à estação. Sua máscara não estava funcionando bem, e ele se sentia tonto. Quando chegou ao local onde estavam os corpos, parou a uma distância apenas suficiente para tirar alguns cigarros dos capacetes dos mineiros mortos, e depois voltou aos tropeções para o poço de sondagem. Ao anoitecer, pareceu-lhe ouvir vozes — uma delas a de Allison. Mas era impossível. Ele próprio tinha visto o corpo.

**Tentativas de salvamento.** As famílias de alguns mineiros estavam à espera numa zona delimitada por cordas, junto à entrada principal da mina. Voluntários da Cruz Vermelha lhes ofereciam etiquetas de identificação, caso ocorresse o pior, mas Frances Wilkenson recusou. «Não preciso de nada disso», afirmou. «Tenho plena certeza de que meu marido vai sair vivo desse inferno.»

Em dada altura, um sacerdote que tomava nota dos parentes das vítimas tocou de leve o ombro de Frances. Ela se voltou rapidamente, com os grandes olhos castanhos arregalados de pavor. «Oh!», disse o pastor, «dêsculpe. Não é a pessoa que eu procurava.»

A equipe de salvamento trabalhava contra o tempo. Na quarta-feira, ao fim da tarde, encontraram mais quatro corpos.

WILKENSON e Flory contavam histórias de pescarias, de como tinham se divertido, da truta que iriam apanhar da próxima vez. Mas tal conversa conduzia sempre ao problema da alimentação. Desde terça-feira de manhã que não comiam. Wilkenson continuava impaciente; queria ir logo à estação. Embora com relutância, Flory concordou. Pondo sobre a boca e o nariz camisetas encharcadas, dirigiram-se para leste. Passaram pelos quatro cadáveres, e logo descobriram um quinto. Mas a fumaça se tornava densa demais para deixá-los prosseguir. Tiveram de voltar.

Flory se lembrou de que havia muito tempo sua mulher se queixava de não ter retratos dele. Se se salvasse, seria a primeira coisa que faria: posar para uma foto de família.

AS TENTATIVAS de salvamento concentravam-se no poço de ventilação n.º 10. Cerca de meio-dia de quinta-feira, uma equipe de oitenta homens começara a empregar enormes ventiladores de aspiração

para dissipar a fumaça da parte superior do poço, a 950 metros de profundidade. Quando lá chegassem, fariam descer um elevador para medir a quantidade de fumaça existente. Então, quase à meia-noite, um anteparo provisório que os protegia rachou ao meio. Alguns operários apressaram-se a escorar o anteparo, mas essa tarefa ainda iria levar seis horas.

Chase decidiu então iniciar uma nova tentativa de salvamento pelo poço de sondagem, usando a equipe de socorros do Departamento de Minas dos Estados Unidos. A Comissão de Energia Atômica prometeu fornecer, do seu campo de experiências em Nevada, cápsulas em forma de torpedo que podiam transportar dois homens. Para averiguar se o poço estreito e irregular permitia a passagem de uma cápsula, foi baixada uma câmara de televisão para dentro da abertura, a 1.100 metros abaixo do solo.

Confiante até então, Frances Wilkenson começava a sentir-se desanimada.

Sua filha Eileen, de doze anos, e o filho Tommy, de três, perguntavam continuamente por seu pai. Mas ela não podia lhes dizer. Estava certa de que as luzes dos capacetes de mineiros há muito já se teriam extinguido. «*Numa escuridão total*», pensava ela, «*pode lhes passar alguma coisa pela cabeça.*»

**Batendo com uma chave inglesa.** Às cinco horas da tarde de sexta-feira, Flory reparou que escorria água da linha de flutuação;

a pressão era quase nula. Sem água, bem sabiam, não podiam sobreviver muito tempo. Agora tinham mesmo de procurar subir até a estação.

Como sua lâmpada estivesse mais forte, foi Wilkenson quem se propôs a indicar o caminho. A fumaça era então menos densa, e assim não precisavam parar tantas vezes para prender a respiração. Finalmente, chegaram à estação. Perto dali, estavam empilhadas as merendeiras dos companheiros mortos, contendo sanduíches, uma lata de salsichas, café frio e chocolates. Hesitaram por momentos, mas depois começaram a comer.

No sábado de manhã, Flory começou a cantar. A única canção de cuja letra conseguia se lembrar era *The Old Rugged Cross*. Em seguida, começou a bater com sua chave inglesa de encontro ao cano d'água. O eco parecia fazer dissipar a escuridão da galeria.

«Isso não vai adiantar nada», censurou Wilkenson.

«Talvez não», replicou Flory. «Mas faz com que me sinta melhor.»

NO DOMINGO à tarde estava chovendo. France e Myrna caminhavam juntas, insensíveis à chuva, unidas pela sua tênue esperança. Uma das mulheres, cujo marido continuava lá em baixo, fixou o céu cinza e disse: «O céu está chorando por nós.»

AO FIM DA TARDE de domingo, Flory e Wilkenson encontraram mais dois corpos na estação. Um deles tinha caído no hangar, agar-

rado ao telefone. Mas aquela área parecia conter ar puro. Talvez pudessem tentar agora a fuga, utilizando as escadas de salvação.

De repente, sentiram uma quietude diferente e arrepiante. Os ventiladores tinham parado. «O que estarão fazendo lá em cima?», perguntou Wilkenson. «Eles sabem que precisamos de ar.» Sem a circulação de ar puro seria insensato tentar as escadas.

Um ar quente, úmido e denso se deslocava na direção deles, agora que os ventiladores estavam desligados. Flory e Wilkenson aguardavam, aterrorizados. Pelo que sabiam, aquilo era fumaça. Encheram de comida as suas merendeiras e correram pela galeria. Então a névoa os envolveu. Para seu alívio, verificaram que ainda conseguiam respirar normalmente.

**Clarões de luz.** «Diminuem as esperanças de salvamento», dizia a manchete do jornal *Evening News*, de Kellogg, na segunda-feira, depois de uma semana de esforços. Cerca das nove horas dessa noite, uma equipe de dois homens entrou numa cápsula-torpedo na plataforma dos 1.100 metros, e começou a descer pelo poço de sondagem. Mas ele era tão recortado, e os homens tiveram de remover tantas pedras soltas das paredes que, por volta das três horas da manhã de terça-feira, ainda não tinham avançado nem 150 metros. Flory e Wilkenson tinham quase perdido a esperança. As lâmpadas de seus capacetes estavam muito fracas, e

sem uma luz razoável não podiam subir pela escada de salvamento. Para comer, só tinham uma lata de salsichas. Os dois homens caminharam de novo rumo à estação, e puxaram desoladamente o alarme.

Na terça-feira, ao meio-dia, desceu pelo poço uma nova equipe, e desta vez alcançou sem dificuldade a plataforma dos 1.450 metros. Descobriram pegadas perto da abertura do poço, e viram o saco verde do telefone, com o fecho aberto! Nervosamente, os homens da turma de salvação inspecionaram a galeria num espaço de trezentos metros do poço de ventilação n.º 10. Não encontrando nada, voltaram para a superfície. Foi planejada outra descida para o fim da tarde.

FLORY examinou o relógio. A luz estava tão fraca que teve de forçar os olhos. Eram cinco e meia da tarde de terça-feira, 9 de maio — seu oitavo dia debaixo da terra. De repente, viu um clarão. «Tom!», gritou. «Há uma luz, lá em baixo, perto do poço de sondagem!»

«Está louco», respondeu Wilkenson.

Flory agarrou rapidamente sua chave inglesa, e bateu com ela de encontro ao cano d'água. Viu

de novo a luz. Wilkenson começou a acender e apagar o farol, já bastante fraco, da locomotiva. «Estamos aqui!», berrou ele angustiado.

«Não saiam daí!», gritaram os operários da equipe de socorro.

Ao vê-los se aproximando, Wilkenson tentou sorrir, mas, em vez disso, chorava. «Graças a Deus!», dizia ele. «Graças a Deus que vieram!»

A cápsula subiu lentamente pelo poço de sondagem até a plataforma dos 1.100 metros, levando um dos salvadores e Ron Flory. Um médico examinou-o, e perguntou-lhe se queria subir imediatamente para a superfície. «Não», disse ele. «Tom e eu estivemos juntos lá em baixo. Temos que subir juntos.»

Às oito e vinte dessa noite, 177 horas depois de ter começado sua difícil provação, atravessaram a saída principal, sendo os únicos sobreviventes dos 93 homens que tinham ficado bloqueados. Piscando os olhos, devido à intensidade das luzes da televisão, os dois mineiros, pálidos e com a barba crescida, caíram nos braços de suas mulheres. Frances Wilkenson não parava de abraçar e beijar o marido. «Agora é que vamos para casa», exclamava ela. «Agora é que vamos para casa!»



### *Padrões duplos*

«EU SEI que as modas mudaram», disse a colunista Beryl Pfizer. «Mas ainda não suporto sair com um homem cujo penteado é mais bonito que o meu.»

— L. R. J.